

CONTAR HISTÓRIAS: UMA ARTE MILENAR

Neide Medeiros SANTOS

*Que meu conto seja belo e que se desenrole
como um longo fio.*

(Gislayne Avelar Matos. A palavra do
contador de histórias).

Contar e ouvir histórias são atividades muito antigas. As narrativas orais estão presentes na gênese de toda literatura e, em particular, na literatura infantil. Se fizermos uma retrospectiva das antigas literaturas do mundo oriental e ocidental, iremos encontrar o hábito de contar histórias como uma forma de entretenimento. Adultos e crianças se reuniam em torno das fogueiras para ouvir histórias.

Marie-Louise von Franz (1990), no livro *A Interpretação dos Contos de Fada*, traça um panorama histórico digno de registro. Discípula de Jung, a psicanalista incursiona na história dos contos de fada e afirma que esses contos estão vinculados à educação das crianças desde a antiguidade grega. Platão, em seus escritos, já falava que as mulheres mais velhas contavam histórias simbólicas às crianças – *mythoi*.

No século 2º. d.C., o escritor e filósofo grego Apuleio escreveu um conto de fada chamado *Amor e Psique*, uma história semelhante à d'A Bela e a Fera. Aquele conto apresenta afinidades com outros encontrados ainda hoje na Noruega, Suécia, Rússia e em muitos outros países. Trata-se de um conto em que a mulher redime o ser amado de sua forma animal e permanece praticamente inalterado há 2.000 anos.

Nos séculos XVII e XVIII, os contos de fada eram contados tanto para adultos como para crianças. Na Europa, eram narrados para as populações agrícolas no inverno.

Os mitos, lendas ou qualquer material mitológico fornecem as estruturas básicas da psique humana através da grande quantidade de material cultural. É nos contos de fada que as imagens estão mais ligadas aos elementos psíquicos.

Nise da Silveira (1981, p.119), psicanalista brasileira e também seguidora das idéias de Jung, explica, de forma muito clara, o que são contos de fada:

Os contos de fada têm origem nas camadas profundas do inconsciente, comuns à psique de todos os humanos. Pertencem ao mundo arquetípico. Por isto seus temas reaparecem de maneira tão evidente e pura nos contos de países os mais distantes, em épocas as mais diferentes, com um mínimo de variações.

De acordo com a escola junguiana, os contos de fadas ligam-se às imagens arquetípicas e estão presos às camadas mais profundas do inconsciente, justificando-se, assim, o reaparecimento dos mesmos contos em países separados, muitas vezes, por oceanos.

Quando se fala em contar e ouvir histórias, vêm logo à nossa mente os contos de fada e a figura do contador de histórias. Walter Benjamin (1994) considera esse narrador “o primeiro narrador verdadeiro” e sobre a importância dos contos de fada, ele afirma “O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se de pesadelo mítico.” (BENJAMIN, 1994, p.215).

E prossegue o filósofo:

O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando hoje às crianças, que o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância. (BENJAMIN, 1994, p.215)

Na era moderna, apesar de todos os apelos da internet, dos jogos eletrônicos, do Orkut, as crianças e os jovens ainda sentem atração pela figura de um bom contador de histórias que, com sua voz ritmada, seus gestos, sua teatralidade sabe cativar o ouvinte.

Goretti Ribeiro e José Alex Nogueira de Oliveira (2007, p. 80), no ensaio *Literapia para curar a síndrome do ninho vazio na velhice*, lembram que

as histórias hoje, transcritas, reescritas, transfiguradas, reinventadas, recontadas, guardam o tesouro inestimável do imaginário antigo e o perfil da alma humana de todas as épocas porque conservam as tradições artístico-culturais desse imaginário.

A figura de uma avó contadora de histórias está presente no universo infantil. Lobato quando criou o mundo mágico do sítio do Picapau Amarelo escolheu duas contadoras de histórias: vovó Benta que contava histórias para os netos, relatos de fatos mitológicos ou adaptações de clássicos infantis como fez com o livro de Dom Quixote. Tia Nastácia também contava histórias, mas do reino da Mãe d'Água, do folclore brasileiro ou adaptação dos contos tradicionais europeus. Todas as histórias contadas por tia Nastácia vinham revestidas de um tom local.

Na literatura infantil dos nossos dias, vários escritores se debruçaram sobre as histórias ouvidas na infância e trouxeram um grande contributo para a literatura infantil brasileira. Desse grupo de contadores de histórias, destacamos, entre outros: Joel Rufino dos Santos, Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo, Rogério de Andrade Barbosa.

Ana Maria Machado ouviu histórias na infância contadas por uma tia-avó e reproduziu-as em muitos dos seus livros. Em *Histórias à Brasileira. A Donzela Guerreira e Outras* (2010) encontram-se 10 histórias em que a autora procura unir a sua voz à dos contadores anônimos que se espalham por esse Brasil afora.

Autora prolífera, Ana Maria Machado já escreveu mais de 100 livros que foram publicados em dezesseis países. Em 2000, recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da Literatura Infantil. Em 2001, ganhou a maior distinção literária no Brasil – o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Para coroar o êxito literário dessa escritora, em agosto de 2003, foi eleita para ocupar a cadeira número 1, na Academia Brasileira de Letras.

Histórias à Brasileira. A Donzela Guerreira e Outras foi editado pela Companhia das Letrinhas, com ilustrações de Odilon Moraes. Este livro integra o 4º. volume do projeto de resgate e reconto de histórias da tradição popular.

A Donzela Guerreira pode ser encontrada com o título *A Donzela que foi à guerra*. É uma história muito difundida entre os cordelistas e está presente no “Romanceiro” de Almeida Garrett.

O tema da mulher que se veste de homem para esconder sua verdadeira identidade é recorrente na literatura popular. Guimarães Rosa foi buscar na fonte popular a base para criar um dos personagens mais emblemáticos da literatura brasileira – Diadorim.

A história recontada por Ana Maria Machado da donzela guerreira se passa no reino de Aragão (Espanha) e fala sobre uma moça que se veste de homem para defender seu país dos inimigos. Mas como esconder a verdadeira identidade? Vestir-se de cavaleiro,

portar-se como cavaleiro e usar artifícios para não ser reconhecida – cabelos e seios deviam ser bem escondidos.

Durante a peleja, a donzela se revela um cavaleiro ousado e corajoso, despertando a curiosidade do conde Dom Damião. Havia algo estranho e cativante no olhar daquele cavaleiro. O conde revela as suspeitas à mãe com esses dizeres:

Os olhos de Dom Luís matar-me-ão.
Seus gestos são de homem.
Seus olhos de mulher são. (p.16)

A mãe de Dom Damião ensina ao filho maneiras para descobrir a identidade do cavaleiro, mas a donzela é esperta e consegue enganar o conde durante certo tempo. No fim da história, cai o disfarce e o segredo é revelado.

Para recontar essa história, Ana Maria Machado recorreu aos textos de Sílvio Romero, Câmara Cascudo e Monteiro Lobato. Naturalmente, consultou, também, a literatura de cordel e o romanceiro. Como quem conta um conto, aumenta um ponto, a escritora misturou diversos elementos, inventou outros e recontou à sua maneira.

Seguindo uma linha distinta dos antigos contadores de histórias, vamos encontrar Marina Colasanti. Nas sábias palavras de Nelly Novaes Coelho (1983, p. 661), a “autora redescobre os contos-de-fada e a essencialidade latente no mundo maravilhoso em que eles existem.”

Uma ideia toda azul (1979) foi o início de um longo trilhar pelos caminhos das fadas, mas desde esse primeiro livro que o leitor sentiu que estava diante de uma narradora diferente.

No texto que apresentou na Feira do Livro, Brasília (DF), 2003, que traz o título “E as fadas foram parar no quarto das crianças” (In: *Fragatas para Terras Distantes*. Global: 2004), Colasanti afirma:

Toda vez que me aproximo do universo dos contos de fadas, quer como autora, quer para reflexões teóricas, minha boca seca, a garganta apertada, o coração acelera o ritmo. Eu sinto medo e sedução. E reluto em avançar, como se os vastos espaços que se estendem à minha frente, e que me convocam, escondessem poços de areia movediça, distâncias verticais sem fim. (2004, p. 221)

Em 2009, Colasanti voltou à temática dos “contos maravilhosos” e publicou pela editora Global *Com certeza tenho amor* e *Do seu coração partido*. Este último livro recebeu o prêmio Hors - Concours, Prêmio FNLIJ 2010 – Produção 2009, na categoria “O Melhor Livro para Jovem”.

É sobre este livro, especificamente sobre o conto “Do seu coração partido”, que iremos tecer algumas considerações.

Estamos diante de uma narrativa que apresenta uma jovem tecedeira, uma jovem que costura ponto por ponto um longo traje de seda cor de jade. Enquanto costurava, caiu sobre o tecido uma gota de sangue e maculou a seda. E vem a pergunta da jovem: *De onde vinha esse sangue?* (p.44).

As mãos estavam limpas, nenhum corte, mas o sangue estava ali.

A jovem olha para o alto e vê uma única rosa flamejante e um besouro que parecia dormir sobre uma folha diz: *Foi ela – Foi do seu coração partido*. (p.44)

O conto poderia ter terminado aqui, mas a narrativa prossegue e outra gota de sangue cai sobre o vestido de seda verde. Nesse momento, a jovem não viu, agora só tinha olhos para o mancebo que *estava de pé junto à sacada, junto à moça.* (p.45)

Duas são as gotas de sangue que aparecem no conto – dois momentos distintos – o que antecede o aparecimento do mancebo e o momento em que ele está junto à moça. A rosa sangra porque o coração está partido, é a explicação dada pelo besouro. Qual é a explicação para a gota de sangue do segundo momento? Pergunta e explicação são desnecessárias. O amor aconteceu, e isso é tudo.

Depois das considerações sobre os dois contos – “A Donzela Guerreira” e “Do coração partido” – concluímos que contar histórias para crianças e jovens requer pesquisas, releituras e poder criativo.

O texto de Ana Maria Machado serviu de ilustração para demonstrar que as histórias contadas por nossas avós, tias, continuam bem vivas em nossos dias, e isso se deve graças à recriação dos escritores brasileiros que vão buscar no manancial popular uma arte milenar.

O conto de Marina Colasanti, rico em elementos simbólicos, caracteriza-se pela modernidade. Além do referencial mítico, extrapola as fronteiras do possível. A protagonista revela-se uma tecedeira de fios e de afetos.

Referências

- BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.” In: *Magia e técnica, Arte e política: ensaios sobre Literatura e História da cultura.* (Trad. Sérgio Paulo Rouanet). 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil/Juvenil Brasileira.* 1882-1982. São Paulo: Quíron, 1983.
- COLASANTI, Marina. *Do seu coração partido.* (Ilustrações da autora). São Paulo: Global, 2009.
- _____. *Fragatas para Terras Distantes.* Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FRANZ, Marie-Louise von. *A Interpretação dos contos de fada.* Trad. Maria Spaccaquerch Barbosa; revisão Ivo Storniolo. São Paulo: Paulinas, 1990.
- MACHADO, Ana Maria. *Histórias à Brasileira. A Donzela Guerreira e Outras.* 4. Recontadas por Ana Maria Machado, ilustradas por Odilon Moraes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.
- MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade.* São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RIBEIRO, Goretti et al. *Corpo e alma: terapia biopsicossociais.* João Pessoa: Editora Universitária-UEPB, 2007.
- SANTOS, Neide Medeiros. *Guriatã: uma viagem mítica ao “país-paráiso”.* Il. Rose Catão. João Pessoa: Ideia, 2005.
- SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra.* 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.